

Sobre a liberdade

J. S. Mill

Tradução de Pedro Madeira

Todo o silenciar de uma discussão constitui uma pressuposição de infalibilidade. [...]

Infelizmente para o bom senso das pessoas, o facto de que são falíveis está longe de ter o peso no seu juízo prático que lhe é sempre concedido teoricamente; pois ainda que cada um saiba muito bem que é falível, poucos acham necessário tomar quaisquer precauções contra a sua própria falibilidade, ou aceitar a hipótese de que qualquer opinião de que tenham muita certeza possa constituir um dos exemplos de erro a que reconhecem estar sujeitos. [...]

[...] Há uma grande diferença entre presumir que uma opinião é verdadeira porque não foi refutada em qualquer das oportunidades que houve para a contestar, e pressupor a sua verdade para impedir a sua refutação. O que nos dá justificação para presumir a verdade da nossa opinião para efeitos de acção é uma liberdade completa para a contradizer e provar a sua falsidade; e sob nenhuma das outras condições pode um ser com faculdades humanas ter qualquer garantia racional de estar certo.

[...] Se não fosse permitido que até mesmo a filosofia newtoniana fosse questionada, as pessoas não sentiriam uma tão completa certeza da sua verdade como agora sentem. As nossas crenças mais justificadas não têm qualquer outra garantia sobre a qual assentar, senão um convite permanente ao mundo inteiro para provar que carecem de fundamento. Se o desafio não é aceite, ou se é aceite e a tentativa é gorada, estaremos, ainda assim, longe da certeza; mas teremos feito o melhor que a condição presente da razão humana permite; nada teremos negligenciado que pudesse dar à verdade a hipótese de vir ter connosco: se o conjunto de crenças for mantido em aberto, podemos esperar que, se houver uma verdade melhor, será encontrada quando a mente humana estiver preparada para a aceitar; e, entretanto, podemos ter a certeza de estarmos tão próximos da verdade quanto possível, na altura presente. Esta é a quantidade máxima de certeza alcançável por um ser falível, e a única maneira de a alcançar.

Interpretação

1. Por que razão pensa o autor que as pessoas não reconhecem na prática que são infalíveis, apesar de o reconhecerem teoricamente?
2. Por que razão, segundo o autor, se justifica por vezes «presumir a verdade da nossa opinião para efeitos de acção»?
3. Por que razão defende o autor que «as nossas crenças mais justificadas não têm qualquer outra garantia sobre a qual assentar, senão um convite permanente ao mundo inteiro para provar que carecem de fundamento»?

Discussão

4. «Todo o silenciar de uma discussão constitui uma pressuposição de infalibilidade», afirma o autor. Concorda? Porquê?
5. «As nossas crenças mais justificadas não têm qualquer outra garantia sobre a qual assentar, senão um convite permanente ao mundo inteiro para provar que carecem de fundamento», afirma o autor. Concorda? Porquê?